



## MISCELÂNEA

Revista de Pós-Graduação em Letras

UNESP – Campus de Assis

ISSN: 1984-2899

www.assis.unesp.br/miscelanea

Miscelânea, Assis, vol.9, jan./jun.2011



## REFLEXÕES SOBRE O *PLANALTO E A ESTEPE*, DE PEPETELA

Reflections on *O planalto e a estepe*, by Pepetela

Donizeth Santos  
(Doutorando — USP)

### RESUMO

Este artigo apresenta algumas reflexões sobre o romance *O planalto e a estepe*, do escritor angolano Pepetela, levando-se em consideração o seu projeto literário e seus últimos romances publicados. Nesse sentido, no início do texto, apresenta-se uma breve síntese dos romances *O terrorista de Berkeley*, *Califórnia* e *O quase fim do mundo* para que se possa comparar essas obras e o romance em análise com a produção literária anterior do escritor.

### PALAVRAS-CHAVE

Literaturas africanas de língua portuguesa; Literatura angolana; Romance contemporâneo.

### ABSTRACT

This article presents some thoughts about the novel *O planalto e a estepe* written by the angolan writer Pepetela, taking into consideration his literary project and his latest published novels. In this sense, at the beginning of the article it is presented a brief summary of the novels *O terrorista de Berkeley*, *Califórnia* and *O quase fim do mundo* so that we can compare these works with this novel under analysis with the previous writer's literary work.

### KEYWORDS

Portuguese language african literature; Angolan literature; Contemporary novel.

O escritor angolano Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos, mais conhecido como Pepetela, começou sua carreira literária no início da década de 60, publicando alguns contos na *Revista Mensagem* e na antologia *Novos contos d'África*. Depois, já no final da década, em 1969, ao mesmo tempo em que estava engajado na luta armada de libertação nacional, escreveu *Muana Puó*, iniciando um projeto literário que tinha como objetivos principais a construção da nação angolana e o questionamento do poder político vigente em Angola, seja ele colonial ou pós-independência, utilizando sempre para esse fim a matéria de extração histórica angolana.<sup>1</sup>

Até *Predadores*, publicado em 2005, Pepetela foi extremamente fiel a esse projeto literário. Suas obras até então tematizaram Angola, ora refletindo a utopia de se construir uma nação angolana livre das amarras do colonialismo, como se nota nas obras iniciais: *Muana Puó* (1995), *Mayombe* (1982), *As Aventuras de Ngunga* (1981), *A Corda* (1980), *A Revolta da Casa dos Ídolos* (1980), *Yaka* (1998), *O Cão e os Caluandas* (1996), *Lueji: o nascimento dum império* (1997), *Luandando* (1990) e também em *A Gloriosa Família* (1999); ora apresentando o desencanto, a falência desse projeto nacional, conforme se percebe nos últimos romances publicados: *A Geração da Utopia* (2000), *O Desejo de Kianda* (2004), *Parábola do Cágado Velho* (2005), *A Montanha da Água Lilás* (2007), *Jaime Bunda, Agente Secreto* (2003), *Jaime Bunda e a Morte do Americano* (2005) e *Predadores* (2008). Mesmo em romances alegóricos como *Muana Puó* e *A Montanha da Água Lilás* ou nos romances satírico-policiais *Jaime Bunda, Agente Secreto* e *Jaime Bunda e a Morte do Americano* essa temática estava presente<sup>2</sup>.

Em *O Terrorista de Berkeley, Califórnia* (2007) e *O Quase Fim do Mundo* (2008), o autor rompe com essa linha mestra que pautou a sua escrita literária e se aventura por outras paragens além das fronteiras angolanas. Por essa razão, para os leitores familiarizados com os seus romances, a leitura dessas

---

<sup>1</sup> Por "matéria de extração histórica" entenda-se, conforme a definição de Alcmeno Bastos (2000, p.9), "a matéria objeto de alguma forma de registro documental, escrito ou não, de que resulta permanecer na memória coletiva de uma determinada comunidade".

<sup>2</sup> As datas das obras citadas nesse parágrafo são as datas das edições lidas pelo autor do texto.

duas obras foi, certamente, uma surpresa, pois elas fogem por completo ao espaço e à temática angolana, algo caro ao escritor até então. Habitados à leitura de romances que retratam ou falam sobre Angola, os leitores se deparam com narrativas externas aos assuntos angolanos. Terrorismo, aniquilação da humanidade, fanatismo religioso, experiências científicas, paranoia, entre outros.

*O Terrorista de Berkeley, Califórnia* (2007), uma novela de 115 páginas, tem como cenário a cidade norte-americana de São Francisco e é uma sátira à paranoia do terrorismo que se abateu sobre os Estados Unidos após o atentado terrorista de 11 de setembro de 2001. Composto em seis episódios, a obra narra a desventurada história de Larry, um solitário e superdotado acadêmico norte-americano da Universidade de Berkeley, que um dia resolve, para fugir da solidão, criar um correspondente imaginário na internet, a quem poderia “contar os seus pensamentos mais íntimos” (PEPETELA, 2007, p.47).

Servindo-se de diferentes computadores da universidade, Larry passa a veicular, em tom de brincadeira, mensagens de revolta contra o mundo até que um dia escreve um e-mail para o seu correspondente explicando a necessidade de explodir a ponte Golden Gate, o maior ícone da costa ocidental norte-americana. Essa brincadeira inofensiva de Larry, concebida apenas para exorcizar seus fantasmas e preencher seus momentos de solidão, é rastreada pelo serviço de inteligência norte-americano. O teor dessas mensagens cai como uma bomba na sede do Grupo Especial de Combate ao Terrorismo para a região de São Francisco.

A partir daí a paranoia norte-americana por conta do terrorismo vem à tona. Todo o aparato tecnológico do Serviço de Inteligência é acionado, e desfilam pelas páginas do romance agentes secretos e especialistas em informática, transformando a narrativa em uma brincadeira de gato e rato.

Pepetela explora ao máximo o jogo entre o sério e o cômico, oferecendo ao leitor uma leitura leve e agradável, mas que também pode (e deve) levar à reflexão. A obra, através da sátira, tece uma crítica à era Bush e suas políticas

de (in)segurança interna e também ao *Way American life*, pois, conforme o próprio autor afirmou numa entrevista à Doris Wieser feita em 2005, o romance policial (satírico ou não) é só um pretexto para analisar a sociedade em que foi gerado. Nesses tempos de insegurança e incerteza do início do século XXI, a obra nos permite refletir sobre até que ponto uma sociedade com medo pode reagir à ameaças reais ou imaginárias.

Em *O Quase Fim do Mundo*, Pepetela deixa o espaço norte-americano e retorna à África, mas não a Angola. O enredo do romance é o misterioso desaparecimento de quase toda a vida animal da face da Terra. O livro narra a aventura de um grupo de doze pessoas que sobrevive ao hecatombe: o médico Simba Ukolo, a religiosa Geny, a adolescente Judy, o ladrão Joseph Kiboro, o garoto Nkunda (sobrinho de Simba), o pescador (o único personagem sem nome no romance), o misterioso sul-africano Jan Dippenaar, a cientista norte-americana Janet Kinsley, o mecânico Julius, o feiticeiro etíope Riek, a bela historiadora somali Ísis, e um louco que mudava constantemente de nome.

Com os conhecimentos de aviação de Dippenaar, eles aventuram-se por outras localidades na tentativa de encontrar mais pessoas e respostas para o que tinha acontecido com o mundo. Primeiro viajam à cidade de Nairobi, no Quênia, e a encontram vazia. Depois vão à Europa. Perambulam por Paris e Roma e também não encontram nenhum ser vivo. No entanto, no território europeu, descobrem que o desaparecimento da humanidade foi causado por uma experiência científica levada a cabo pelos Paladinos da Coroa Sagrada, a religião de dona Geny.

Daí a constatação de que a vida tinha se extinguido em todo o mundo, exceto numa pequena parte da África, e não é por coincidência que Pepetela situa a fictícia Calpe próxima à região onde se acredita ter sido o berço da humanidade. Assim, embora o romance pareça inicialmente ser pura ficção, totalmente descompromissado com a realidade, na verdade é bem o contrário. O escritor só aparentemente abandona o engajamento que é tão característico em suas obras. O romance é uma grande metáfora da resistência africana

diante do descaso dos países do primeiro mundo. E é justamente essa desimportância que possibilita que essas pessoas escapem do holocausto, evitando assim que a humanidade fosse completamente aniquilada. Por ironia do destino, caberia ao continente mais desprezado do planeta reiniciar e reconstruir a história da vida na Terra.

Por essa razão, *O Terrorista de Berkeley, Califórnia* e *O Quase Fim do Mundo* destoam da rota literária percorrida pelo escritor até então. Embora o estilo seja o mesmo, utilizando, inclusive, expressões linguísticas angolanas, desaparecem por completo o espaço e a preocupação com os rumos de Angola.

Dessa forma, nessas duas obras, os temas de Pepetela deixam de ser nacionais para se tornarem universais. Saem de cena o questionamento político da realidade angolana e a utopia e a distopia em relação à construção nacional e entram o terrorismo e a preocupação com o poder de destruição do ser humano que pode levá-lo à destruição de si mesmo. Exemplos no mundo contemporâneo não faltam: terrorismo; armas nucleares, químicas e biológicas; destruição da camada de ozônio; fanatismo religioso; alta tecnologia com fins destrutivos e outras tantas formas de destruição da natureza.

Certa vez, numa entrevista, Pepetela disse que o seu desafio era levar os angolanos a serem capazes de pensar (PEPETELA apud CHAVES & MACEDO, 2002, p.38), pelo fato de sua literatura ser voltada para análise da realidade sócio-histórica angolana. No entanto, em *O Terrorista de Berkeley, Califórnia* e *O Quase Fim do Mundo*, ele transcende o espaço angolano e sua preocupação volta-se para a humanidade inteira. São obras capazes de levar à reflexão não só o leitor angolano, mas também o leitor de qualquer nacionalidade ou continente.

No entanto, no romance seguinte, *O Planalto e a Estepe*, publicado em 2009, o autor volta a utilizar a matéria de extração histórica angolana ao contar a história do amor impossível entre o angolano Júlio Pereira e a mongol Sarangerel, tendo como pano de fundo a história do movimento de libertação angolano.

Júlio Pereira é um jovem angolano branco da Huíla que vai estudar Medicina em Coimbra no início dos anos 60, e lá, em contato com o pessoal da Casa dos Estudantes do Império, começa a se politizar. Essa politização resulta no abandono da faculdade e no engajamento na luta de libertação nacional.

Ele não é enviado diretamente ao *front* de batalha e sim contemplado com uma bolsa de estudo em Moscou. Lá conhece Sarangerel por quem se apaixona e a partir daí, em meio aos acontecimentos históricos e políticos mundiais, a narrativa se transforma na luta de Júlio para poder ficar ao lado de sua amada.

O grande obstáculo ao casamento entre os dois jovens é um tema já abordado pelo autor em *Mayombe*, obra escrita em 1971 e publicada em 1980: o racismo. Mas, desta vez, ele não fica restrito ao espaço angolano como fora feito na obra anterior. Em *Mayombe*, Pepetela trazia à luz o racismo contra os mestiços e entre as tribos angolanas, que era um dos maiores obstáculos à unificação nacional no período de luta contra o colonialismo português. Agora a abordagem do racismo parte de uma perspectiva nacional e chega a uma perspectiva universal.

Se, no início da narrativa, ele aparece condicionado às nuances angolanas, como, por exemplo, pelo fato de não haver negros na escola onde Júlio estudava ou ainda por Júlio não ter sido enviado diretamente ao *front* de batalha por ser branco e os brancos, aos olhos do movimento de libertação nacional, “ainda não eram suficientemente angolanos para arriscarem a vida na luta pela nação” (PEPETELA, 2009, p.33), a partir do terceiro capítulo, “Luar em Moscovo”, o racismo toma proporções universais por ser o grande obstáculo para a concretização da união entre Júlio e Sarangerel. Isso ocorre pelo fato dele ser angolano e ela mongol, embora os seus países de origem se considerassem unidos pela irmandade do socialismo universal difundido pela então União Soviética. Nem a gravidez de Sarangerel seria capaz de remover tal obstáculo.

Nesse sentido, é pertinente lembrar as observações feitas sobre o racismo pelo estudante congolês Jean-Michel, um dos amigos de Júlio, para conscientizá-lo de que este era um problema maior do que ele pensava:

[...] meu velho, deixa-te de ilusões, o internacionalismo proletário é uma treta, a amizade indestrutível entre os povos é outra, o que conta é que tu não és mongol, portanto, és um ser inferior. (PEPETELA, 2009, p.67)

Jean-Michel tentou tirar-me as ilusões, há racismo, e o racismo nem sempre é de branco contra negro ou de negro contra branco, há entre todos os grupos. E o marxismo não extirpou esse cancro, meu irmão, podes crer. (PEPETELA, 2009, p.68)

Também é significativo lembrar o texto poético cravado no início do capítulo em que Júlio encontra Sarangerel (“Luar em Moscovo”), no qual Pepetela utiliza a impossibilidade de se fazer hidromel na mesma cabaça em que foi feita a manteiga como metáfora do preconceito contra a mistura de raças:

Pessoas têm vidas paralelas, seguem juntas sem se cruzarem.  
Outras, convergentes, acabam se encontrando num canto do mundo. Explicar a razão disso é gesto vazio, como cabaça depois de feita a manteiga.  
No entanto, na cabaça da manteiga não se faz hidromel.  
Nem as vacas nem as abelhas deixariam. (PEPETELA, 2009, p.51)

Mas Sarangerel não é uma mongol qualquer. Ela é filha de um ministro de estado, um dos homens mais importantes e poderosos da República Democrática e Popular da Mongólia, fato que dá uma conotação política ao racismo, pois a impossibilidade de ela se casar com Júlio parece se dar mais em função do cargo do seu pai e do papel político que a Mongólia exerce no contexto da Guerra Fria, do que propriamente pela diferença de raças.

Dessa forma, Pepetela, ao mesmo tempo em que conta uma bela história de amor, também está fazendo uma crítica aos regimes socialistas, expondo toda a hipocrisia de um discurso que era um na teoria e outro na prática.

Nesse romance, ele também atrela a história angolana à história do mundo, algo inédito até então. Nesse sentido, o projeto de libertação nacional e

construção da nação angolana está diretamente ligado à política de expansão do comunismo promovida pela União Soviética. Nas palavras de Jean-Michel, personagem pelo qual o autor expressa muitas vezes suas próprias ideias, a exemplo do que fez anteriormente com *Sem Medo de Mayombe* e Anibal de *A Geração da Utopia*: “Existia uma grande orquestra de muitos partidos e movimentos de libertação, todos ditos irmãos, e o maestro estava ali no Kremlin (PEPETELA, 2009, p.44).

Desse modo, o centro do mundo libertário é Moscou, local onde são orquestradas as decisões sobre liberdade e irmandade dos povos e países socialistas. Por isso, a capital soviética é o local de convergência do amor entre Júlio e Sarangerel. Ele, membro de um movimento revolucionário apoiado pelo Kremlin, e ela filha do ministro da guerra de um país socialista aliado.

O diálogo com a história e o questionamento político que no início, a exemplo do racismo, aparecem restritos ao contexto angolano, numa abordagem similar à que o autor fez em *Mayombe*, *Yaka*, *A Geração da Utopia* e *Predadores*, agora também transcendem este contexto e adquirem feições mundiais. O jogo político não é mais uma queda de braço entre colonizados angolanos e colonizadores portugueses ou entre os angolanos explorados e a elite predatória angolana, e sim entre o socialismo soviético, que estendia seus tentáculos com a política do internacionalismo proletário na tentativa de fomentar movimentos que levassem à criação de mais repúblicas socialistas aliadas, e o imperialismo americano, que tentava conter a expansão soviética, e ainda entre a União Soviética e a China, com a Mongólia pelo meio, conforme podemos observar nestes dois trechos do romance, quando Esmeralda, a responsável da União dos Estudantes Angolanos em Moscou, comenta com Júlio as dificuldades políticas que poderiam impossibilitar o casamento entre ele e Sarangerel:

— Vou falar com os camaradas da Komsomol. Mais não posso. Pode ser que eles facilitem o casamento, pode ser que não. Compreende, a Mongólia está encaixada entre a União Soviética e a China. Pende para a União Soviética neste conflito ideológico entre os dois, talvez por uma parte do seu território

ter sido anexada pela China. Os camaradas soviéticos não vão querer afrontá-la por um problema...

— Menor... — disse eu conformado. (PEPETELA, 2009, p.70)

Evidentemente, se tratava de um problema político que a ultrapassava, que se emaranhava nas teias do conflito sino-soviético, assunto central do movimento comunista da época. (PEPETELA, 2009, p.71)

Percorrendo os bastidores da política internacional, Pepetela descortina todas as contradições e incoerências do socialismo mundial, não poupando o Kremlin e todas as repúblicas socialistas, conforme podemos observar no cético e irônico comentário feito pelo politizado Jean-Michel:

Havia golpes e contra-golpes na pátria perfeita do socialismo, cartas debaixo da mesa, pior, facas escondidas nos casacos, sangue escorrendo pelas paredes. /.../ Ensinam-nos a pureza das ideias mas praticam todas as sujidades. (PEPETELA, 2009, p.48)

As ideias e o discurso de Jean-Michel aos poucos vão sendo assimilados por Júlio na medida em que este vai amadurecendo e percebendo a grande farsa socialista, que ocultava verdadeiras ditaduras sob o nome de repúblicas democráticas e populares. Para ele, essas repúblicas lideradas por Moscou, eram democráticas e populares só no nome.

Dessa forma, através do mote de contar apenas a história de um amor impossível, o escritor faz um balanço do ciclo socialista no mundo e também da política e economia mundial no período pós-queda da União Soviética, a exemplo do que fizera anteriormente em relação a Angola nos romances anteriores a *O Terrorista de Berkeley, Califórnia*. O protagonista do romance, cujo percurso começa como estudante, passa a guerrilheiro do movimento de libertação de Angola e chega ao posto de general, ocupando cargos importantes no governo angolano, e por isso conhece muito bem os bastidores e as negociações da política nacional e internacional, conclui, quase ao final da narrativa: “Conheci os podres do mundo e também os lugares mais luxuosos, os aventureiros condenados a ser ricos e os que herdaram nomes e genealogias de nobreza, mas não os escrúpulos” (PEPETELA, 2009, p.143).

Se compararmos *O Planalto e a Estepe* aos dois romances sobre os quais fizemos uma síntese no início deste texto (*O Terrorista de Berkeley, Califórnia e O Quase Fim do Mundo*) e também à produção literária anterior a essas obras, constatamos que esse romance marca o retorno do escritor ao *locus* angolano sem deixar de lado a temática universal contida nos dois romances precedentes, pois tanto o racismo quanto a política são abordados num contexto internacional.

Nesse sentido, Pepetela volta à linha mestra do seu projeto literário, pois retoma com todo o fôlego o questionamento político que pautou a sua obra até o romance *Predadores*.

Em relação ao amor, é importante ressaltar que pela primeira vez o autor escreve um romance sobre ele. Não que o amor estivesse ausente de sua obra. Pelo contrário, ele sempre esteve presente, desde os seus primeiros escritos. Como exemplo, basta lembrar o amor entre Ele e Ela, o casal de morcegos de *Muana Puó*; Sem Medo e Ondina, de *Mayombe*; Anibal e Sara, de *A Geração da Utopia*; Lueji e Ilunga, de *Lueji*; e Ulume e Munakazi, de *Parábola do Cágado Velho*. A diferença é que desta vez o amor é elevado à condição de protagonista da obra, ou seja, é o tema predominante, enquanto os aspectos sociais, históricos e políticos ficam em segundo plano, como pano de fundo, embora sejam significativos e estejam em completa consonância com a veia crítica do autor, conforme expusemos no decorrer deste texto.

## Referências

BASTOS, Alcmeno. *A história foi assim: o romance político brasileiro dos anos 70/80*. Rio de Janeiro: Caetés, 2000.

CHAVES, Rita; MACEDO, Tania. *Portanto... Pepetela*. Luanda: Chá de Caxinde, 2002.

PEPETELA. *A corda*. 2 ed. Luanda: UEA, 1980.

\_\_\_\_\_. *A geração da utopia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

- \_\_\_\_\_. *A gloriosa família*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- \_\_\_\_\_. *A montanha da água lilás*. 5 ed. Lisboa: Dom Quixote, 2007.
- \_\_\_\_\_. *A revolta da casa dos ídolos*. Lisboa: Edições 70, 1980.
- \_\_\_\_\_. *As aventuras de Ngunga*. 2 ed. São Paulo: Ática, 1981.
- \_\_\_\_\_. *Jaime Bunda, agente secreto*. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Jaime Bunda e a morte do americano*. 3 ed. Lisboa: Dom Quixote, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Lueji, o nascimento de um império*. 3 ed. Lisboa: Dom Quixote, 1997
- \_\_\_\_\_. *Luandando*. Luanda: ELF Aquitaine, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Mayombe*. São Paulo: Ática, 1982.
- \_\_\_\_\_. *Muana Puó*. 2 ed. Lisboa: Dom Quixote, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Parábola do cão velho*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.
- \_\_\_\_\_. *O cão e os caluandas*. 3 ed. Lisboa: Dom Quixote, 1996.
- \_\_\_\_\_. *O desejo de Kianda*. 5 ed. Lisboa: Dom Quixote, 2004.
- \_\_\_\_\_. *O quase fim do mundo*. Lisboa: Dom Quixote, 2008.
- \_\_\_\_\_. *O planalto e a estepe*. 4 ed. Lisboa: Dom Quixote, 2009.
- \_\_\_\_\_. *O terrorista de Berkeley, Califórnia*. 2 ed. Lisboa: Dom Quixote, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Predadores*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Yaka*. 4 ed. Lisboa: Dom Quixote, 1998.

WIESER, Doris. O livro policial é o pretexto (Entrevista de Pepetela a autora em Munique). *Espéculo, Revista de Estudios Literários*, Universidade Complutense de Madrid, 2005. Disponível em: <http://www.ucm.es/info/especulo/numero30/pepetela.html> . Acesso em out. 2010.

---

Artigo recebido em 15/01/2011 e publicado em 1/10/2011.